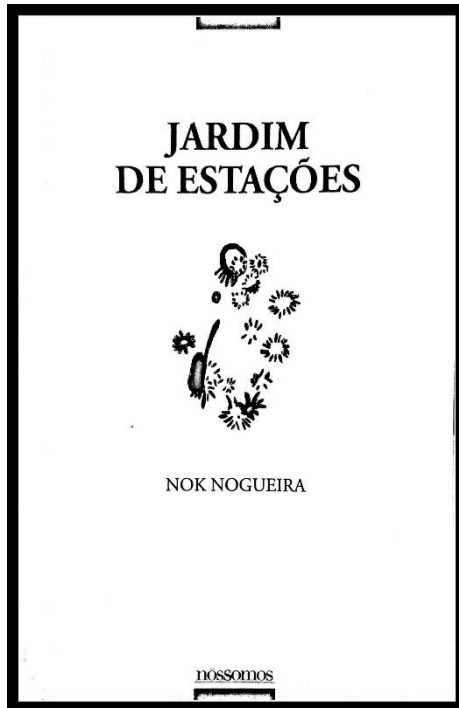


Nok Nogueira

Ana T. Rocha

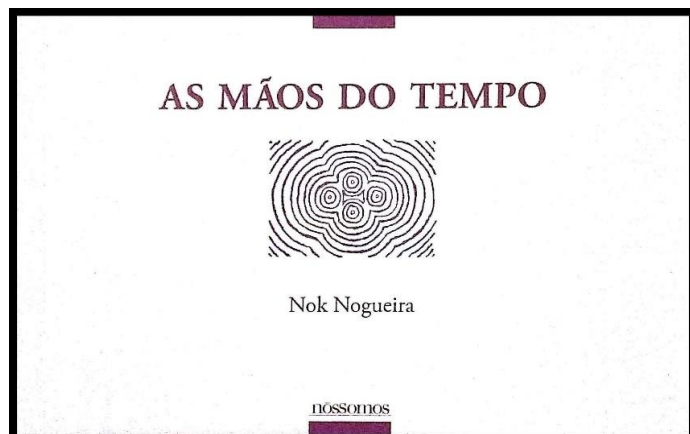


Nok Nogueira (Emílio Miguel Casimiro) nasceu a 24 de dezembro de 1983, em Luanda. É jornalista de profissão e é, também, uma nova voz poética angolana que merece destaque. Autor de quatro livros (*Sinais de sílabas* [2004, INALD], *Tempo Africano* [2006, União dos Escritores angolanos], *Jardim de Estações* e *As Mãos do Tempo* [2006 e 2011, NÓSSOMOS]), Nok assina uma poesia vigente, mas onde é possível detetar as influências literárias que a assistem.

Formalmente, a exposição das palavras, a ausência de qualquer pontuação e de maiúsculas, relembram a poesia do, também angolano, Trajano Nankova Trajano. Porém, o diálogo mais perceptível - a

intertextualidade notória e assumida - acontece, sem dúvida, com a poesia de Agostinho Neto. Ao longo dos poemas de Nok, vamos lembrando versos da poesia netiana.

É impossível ler o verso “pensando no que foram nossas mãos erguendo pedaços/ do mundo” (2006: 49), sem lembrar o poema “Confiança”, de Agostinho Neto. Entre muitos outros exemplos da influência netiana, podemos citar ainda, do último livro de Nok: “nada mais podeis cobrar de mim nada mais podeis buscar a fim de cada palavra/ que eu em delírio profira estou-me nas tintas com a política destas avenidas/ e das ruas cheias de pranto iguais ao grito de morte ao gemido de fome de uma/ voz que se nos assemelha ainda hoje às crianças a um tempo errante de vozes/ também atribuladas pois nada mais podeis cobrar de mim nem dor nem amor/ nem carícia nem voz nem angústia nem



misérias nem ostentações nem muito/ menos ou do pouco ou nada que fui e sou pois acho

que nunca existi” (2011: 61); versos onde é claramente atingível o poema predecessor, “A renúncia impossível”, que existe vivo por detrás destas letras.

Num contínuo “fluvial” de palavras, a estética de Nok suporta e exprime um sujeito desassossegado, que busca, às vezes, pela contradição, as respostas e cuja principal e regente característica é, sem dúvida, o seu sentido de generosidade, pois “as mãos são por de mais/ puras para que se fechem diante dos homens” (2006: 51).